

**Processos educativos, cultura e educação:
redesenhando o mapa no diálogo com
Maria Elena Gonzalez Alfaya¹**

Rita de Cássia Prazeres Frangella²

Resumo

Trata-se de entrevista com a professora Maria Elena Gonzalez Alfaya, professora da Universidad de Córdoba/Espanha sobre o projeto “Córdoba com ojos de infância”, desenvolvido a partir da Red Infantil Escuela-Centro del Profesorado-Universidad/RIECU que articula docentes da Universidad de Córdoba em sua atuação com estudantes na formação de professores/as, o Centro de Formación Continuada del Profesorado e professores/as de Educação Infantil da Municipalidade de Córdoba, a partir da colaboração entre essas três instituições de formação de professores/as. Dele desdobra-se o “Mapa de experiências educacionais: Córdoba com olhos de infância”. A conversa, a partir da análise da experiência em debate, reflete sobre educação, cultura, diferença na educação das infâncias e na formação de seus educadores, discute as infâncias em suas potencialidades criativas, no diálogo com artefatos culturais que se dão a ler às crianças que, de forma instigante, os problematizam e abrem possibilidades dialógicas e interculturais, implicando na proposição de uma educação com as crianças, como sujeitos desses processos.

Palavras-chave: Infância; Cultura; Diálogo; Diferença; Artefatos Culturais.

**Educational processes, culture and education:
redrawing the map in dialogue with
Maria Elena Gonzalez Alfaya**

Abstract

¹ Professora do Departamento de Educação da Universidade de Córdoba. Participa do Grupo de Pesquisa SEJ-614 INCIDE - Infância, Cidadania, Democracia e Educação e da Rede Infantil RIECU (Escola-Centro de Ensino-Universidad). Faz parte do projeto «INFACIENCIA. Das meninas de hoje às cientistas de amanhã» e coautora do “Mapa de Experiências Educacionais: Córdoba, com os olhos da Infância” (MECOI). Autora de vários artigos e livros.

² Doutora em Educação. Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação- PROPEd/UERJ. Coordena o GRPESq Currículo, formação e Educação em Direitos Humanos - GCDEH. Bolsista de produtividade em Pesquisa pelo CNPq, Cientista do Nosso Estado/FAPERJ, Procientista/UERJ/FAPERJ. <http://lattes.cnpq.br/1090641466362716>. Contato: rcfrangella@gmail.com

This is an interview with Professor Maria Elena Gonzalez Alfaya, a professor at the University of Córdoba/Spain, about the project “Córdoba with the Eyes of Childhood”, developed by the Red Infantil Escuela-Centro del Profesorado-Universidad/RIECU, which brings together professors from the University of Córdoba in their work with students in teacher training, the Centro de Formación Continuada del Profesorado and Early Childhood Education teachers from the Municipality of Córdoba, based on the collaboration between these three teacher training institutions. From this, the “Map of educational experiences: Córdoba with the eyes of childhood” is developed. The conversation, based on the analysis of the experience under debate, reflects on education, culture, differences in the education of children and in the training of their educators, discusses childhoods in their creative potential, in dialogue with cultural artifacts that are given to children to read, which, in an instigating way, problematize them and open up dialogical and intercultural possibilities, implying the proposition of an education with children, as subjects of these processes.

Keywords: Childhood; Culture; Dialogue; Difference; Cultural Artifacts.

Procesos educativos, cultura y educación: Redibujando el mapa en diálogo con María Elena González Alfaya

Resumen

Esta es una entrevista a la profesora María Elena González Alfaya, profesora de la Universidad de Córdoba/España sobre el proyecto “Córdoba con ojos de infancia”, desarrollado por la Red Infantil Escuela-Centro del Profesorado-Universidad/RIECU que reúne a docentes de la Universidad de Córdoba en su trabajo con estudiantes de formación docente, el Centro de Formación Continuada del Profesorado y docentes de Educación Infantil del Municipio de Córdoba, a partir de la colaboración entre estas tres instituciones de formación docente. A partir de él se despliega el “Mapa de experiencias educativas: Córdoba desde la mirada de la infancia”. El conversatorio, a partir del análisis de la experiencia en debate, reflexiona sobre la educación, la cultura, las diferencias en la educación infantil y la formación de sus educadores, discute las infancias en su potencial creativo, en diálogo con artefactos culturales que se leen a los niños y que, en de manera intrigante, problematizarlos y abrir posibilidades dialógicas e interculturales, implicando la propuesta de una educación con los niños, como sujetos de estos procesos.

Palabras clave: Infancia; Cultura; Diálogo; Diferencia; Artefactos culturales.

APRESENTAÇÃO

Abril de 2024, primavera no hemisfério norte.

Na Universidad de Córdoba/Espanha realizava-se o CRECER - I Congreso Internacional de Investigación e Innovación sobre los Derechos de La Infancia que teve como objetivo pensar a formação da infância, num encontro que reunisse diferentes atores sociais num contexto de intersecção entre formação inicial, docentes da educação infantil, famílias, pesquisadores/as e as próprias crianças.

Nesse evento, eu estava participando como pesquisadora que tem se dedicado a discutir políticas curriculares para infância e para a formação de professores/as, mobilizada pela discussão acerca dos direitos da infância e pelo que se apresentava como proposta do congresso, que tinha um dos eixos voltados a discussão curricular e que previa a apresentação de experiências educativas desenvolvidas com as infâncias.

Um encontro potente, com discussões mobilizadoras, apresentações de trabalho que se alinhavam aos objetivos do evento e que foram conectando diferentes experiências, perspectivas epistemológicas, propiciando diálogos férteis. Foi nesse contexto que encontrei María Elena Gonzalez Alfaya. Ela coordenou a mesa que apresentei trabalho e daí começamos uma breve troca a partir de experiências entre Brasil e Espanha. Num dado momento ela me diz: “Rita, eu vou te dar um mapa”.

Eu esperava ganhar um mapa da cidade ou algo parecido. E aí ganho uma caixa. Nela, mais que o mapa, o compartilhar de uma experiência com a educação infantil que se lançava num processo de resignificação do planejamento, do currículo, das concepções de infância... Uma caixa que se abria a outras leituras, um convite a pensar a educação com olhos de criança.

Na sequência, assisti a apresentação do projeto “Córdoba com ojos de infancia” numa mesa do congresso, tendo como conferencistas as professoras da Educação Infantil de Córdoba que desenvolveram o projeto, realizado a partir da Red Infantil Escuela-Centro del Profesorado-Universidad/RIECU que articula docentes da Universidad de Córdoba em sua atuação com estudantes na

formação de professores/as, o Centro de Formación Continuada del Profesorado e professores/as de Educação Infantil da Municipalidade de Córdoba, a partir da colaboração entre essas três instituições de formação de professores/as. O projeto, que dialoga com a própria história da cidade de Córdoba, considerada pela Unesco Patrimônio da Humanidade e paradigma de convivência de paz e interculturalidade no passado, objetiva desenvolver processos educativos inclusivos que considerem a diversidade, produzindo material audiovisual sobre e com a cidade, considerando as potentes leituras de mundo feitas a partir dos olhos da infância. María Elena Alfaya é docente da Universidad de Córdoba, membro da RIECU e uma das orientadoras do projeto.

Assim, no contexto desse dossiê, que se volta para a discussão de processos educativos e artefatos culturais, que problematiza as relações estabelecidas com a infância em seus processos educativos e problematiza a ideia de que esses se dão a partir de modelos escolarizantes, sem com isso esvaziar o papel da Educação Infantil, mas de forma instigar o pensar a educação a partir de outras perspectivas. Refutando, desse modo, propostas que tem constrangido a Educação Infantil a partir da instituição de políticas curriculares que, ainda que sob o argumento de equidade e justiça social, focam numa lógica de aprendizagem pragmática, reduzindo-a ao ensino de conteúdos pré-estabelecidos em que a experiência é passível de ser aprioristicamente estabelecida, esvaziando a experiência em si.

Conversar sobre o Mapa de experiências educativas produzido no âmbito do projeto “Córdoba com ojos de infancia”³ traz à tona diferentes questões que se entrecruzam no dossiê proposto. Coloca-nos em diálogo com experiências educativas pensadas a partir do que defendemos, do entendimento dos processos educativos como processos culturais e daí o diálogo com os diferentes artefatos culturais não pode ser desconhecidos por nós, educadores/as,

³ Para saber mais sobre o projeto ver: <https://www.uco.es/investigacion/proyectos/riecu/cordoba-ojos-infancia/proyecto.html>

professores/as e investigadores/as das infâncias em suas relações com currículo e educação.

Como nos ensina Manoel de Barros (1993, p.15), em sua didática da invenção, aprender/fazer com/como as crianças ...

*No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo,
lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
Então a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois,
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos
O verbo tem que pegar delírio.*

A CONVERSA...

Rita Frangella: Primeiro, queria agradecer a sua disponibilidade para essa conversa e te situar sobre o dossiê que eu e outros dois colegas - Danilo Araujo (UFMA) e Constantina Xavier (UFMS) estamos organizando sobre Processos Educativos e Curriculares das Infâncias por Artefatos Culturais. Eu queria conversar um pouco sobre o projeto do Córdoba com Ojos de Infancia. Penso que ele dialoga com essa questão, dos processos educativos das infâncias com os artefatos culturais, ainda que esses artefatos sejam uma cidade em si.

Elena Alfaya: É muito interessante a proposta do dossiê. Quanto ao projeto, destaco primeiro, o sair da escola, porque a educação da infância é tão complexa, tão interessante, com tantas arestas, com tantos matizes, que não se pode... estar contido apenas nessas quatro paredes da classe e não sair fora. Mas há muitos modos de sair fora da escola. Às vezes sair para continuar igual e às vezes sair para buscar confrontações, para ver o que há de diferente, o que há de motivador, o que há de... No final, isso está pensado com os sonhos da infância, essa é a parte mais importante, com os sonhos das crianças, porque a ideia é que os meninos [e as meninas] saiam da escola, e saindo da escola, podem aproveitar tudo aquilo que também é educativo e que está fora da

escola. Mas podem aproveitar com suas potencialidades, pensando que eles são capazes, não tem que ter outra pessoa - adulta - para dizer como tem que ver a cidade, que coisas tem que ver, como, o que tem que fazer. Sempre essa outra pessoa adulta dizendo o que tem que fazer, como tem que fazer. Trata-se de aproveitar esses artefatos culturais, como podem ser tantos elementos da própria cidade, mas tendo em conta que podem ser as próprias crianças, os próprios[as] meninos[as], quem pode ter seu próprio olhar, pode dizer o que quer fazer, como quer fazer, o que quer ouvir. Nós pensamos que tem que olhar o museu, mas eles querem também olhar as flores que estão em um jardim, querem olhar a água que está em uma fonte que viram, querem olhar outras pessoas.

Há muitas coisas na cidade. Muitas vezes dizem, quando chegas a cidade de Córdoba, Rio de Janeiro ou de Roma, tens que visitar isto, isto, isto, isto. como adulto, como pessoa formada de uma determinada maneira, com expectativas comerciais, culturais, mas também há outros olhares que podem ser importantes, que são esses da infância. Nos mapas dessas cidades há recursos que são para a infância, mas não estão feitos por eles. No projeto o importante é que não só esses artefatos estão pensados para eles, mas com eles; é a própria infância que desenha, que pensa, que... reflete sobre o que é importante, o que querem trabalhar, jogar, brincar na própria cidade. E esse é um ponto importante: a diferença de outros materiais que há, porque a cidade é dada a conhecer pela criança com um determinado bonequinho, um brinquedo, mas... sempre pensados com um olhar infantilizado, com um olhar adulto e não com as próprias crianças.

Rita Frangella: Muito interessante esse ponto: um projeto pensado com as crianças, pelas crianças e que as posiciona de outra maneira e aí há uma outra concepção de infância e também de participação da criança na produção do currículo?

Elena Alfaya: Sim, essa é a parte importante. Finalmente é um planejamento diferente, é posicionar as crianças como poderosas, como capazes, não como

objetos, mas como sujeitos, como sujeitos do seu próprio saber, que tenham algo a aportar. E esse é uma mudança de perspectiva. Parece-me muito interessante essa conversa numa revista que se chama Periferia. Sim, porque às vezes é só o centro focalizado, e são as periferias que são importantes. Muitas vezes, nós dizemos que não têm voz, têm voz, mas nós nos silenciemos. Nós dizemos, vamos falar, porque somos o centro. A infância pode ser a periferia, aqueles que muitas vezes silenciemos. Se queremos dar voz à periferia, temos que mudar o planejamento, de pensar que as crianças são co-construtores da aprendizagem. Não estamos a transferir agora, isto agora aqui, vamos construir juntos.

Pensando nisso, lembro de um autor, que imagino que conheces, Francesco Tonucci⁴, que escreve muito sobre as cidades, sobre essa vista com os olhos da infância. Há uma charge ele fez que é muito boa e quando nós falamos de “Córdoba com ojos de infância” muitas vezes a usamos para falar do projeto. Na charge os meninos saem na própria cidade numa excursão e a professora vai dizendo tudo o que devem fazer. E quando chegam à escola, ela diz para desenharem aquilo que eles viram. E os meninos todos desenharam a cabeça do menino adiante, porque tem que ir em fila, tem que... Então, no final, não vê nada da cidade.

⁴ Francesco Tonucci é pedagogo italiano, desenhista que discutiu a participação social da criança. Tem várias publicações, dentre elas o livro, Com olhos de criança, que contém a charge citada.



Muitas vezes, o que fazemos? Estamos fora da aula, fora da classe, mas como se fosse a classe. Reproduzindo, não há mudança de planejamento. O mesmo planejamento não muda nada, só que ao invés de estar dentro, estamos fora. E muitas vezes, penso que se não há mudança de planejamento, continuamos a reproduzir e não a construir, transformar, ideias que como temos claras a nível teórico, mas nos posicionamos na aula, muitas vezes, ... o currículo que nos é dado, vamos ler e escrever, vamos... sim, mas para ler e escrever, temos que, se eles têm que... pensar como sair na própria cidade. É importante essa motivação real, não a motivação criada por nós para eles, porque sabemos que isso não funciona. Muitas vezes, dizemos, vamos preparar para as aulas isso com muitas cores, com muitos... Pensando com Loris Malaguzzi, temos que buscar recursos para buscar condições que ponham as crianças em um estado que pode criar, construir a sua própria aprendizagem. Aí estamos a desenvolver o currículo de verdade, senão estamos a transmitir uma coisa que hoje, vocês sabem, amanhã não tem nenhum significado, não tem nenhum valor real, não?

Rita Frangella: Uma questão importante no projeto é a dimensão da cultura, esse diálogo com a cultura. Você chama atenção: não é ensinar coisas, não é só ensinar, mas criar condições para aprendizagem a partir dessa

Periferia, v. 16, p. 1-17, 2024, e86475

possibilidade de um diálogo cultural e com produções múltiplas, um diálogo que também se relaciona com a ideia de diferença.

Elena Alfaya: Continuando com Malaguzzi, de buscar diferentes linguagens, essa cultura não é uma cultura só estandarizada, A cultura é a cultura do meu bairro, da minha zona. Isso é importante, por outro lado, Córdoba, como cidade, é a única cidade que tem quatro patrimônios da humanidade da Unesco. É uma cidade de uma ampla tradição intercultural, onde conviveram árabes, judeus e cristãos. Hoje em dia, precisamos de referentes culturais, visto o que está acontecendo no mundo, referentes culturais que digam que é possível viver juntos. Parece que, não sei como é a imagem, em outros lugares, desde logo na Europa, a ideia é que não há outra solução que não seja a guerra, que não seja posicionar-se com uns ou com outros. É pouco popular a ideia de dizer: e se pensamos no diálogo? E se pensamos como poder chegar a uma solução que não seja, eu sou de estes ou sou de aqueles, eu sou da humanidade, eu sou das crianças, eu sou da paz, essa ideia é vista como romântica, infantil. Mas infantil é bom! Nós fazemos a diferença entre infantil e infantilizado. Infantil quer dizer que tem um olhar mais amplo, que se afasta da ideia de um único olhar válido, dessa infância que é capaz de dizer, eu não penso assim, mas vou escutar o que você pensa. A cultura da própria cidade de Córdoba, onde houve uma convivência pacífica entre a cultura judia e muçulmana, que não se deu em nenhuma outra parte do mundo, essa cultura dialógica que com a inspiração de Paulo Freire, é o elemento mais importante na nossa formação como educadores. Há muitos anos que já falávamos desse diálogo, da importância do dialógico. Então, digamos que isso é uma mistura de todos esses paradigmas que tem em conta essas periferias, em conta essas culturas, a da infância e a da convivência pacífica, que sobretudo é o mais importante que tem em Córdoba, essa tradição de haver sido uma cultura de paz.

Rita Frangella: A história de Córdoba conta dessa cultura de paz, dessa possibilidade que não significou o apagamento do outro, mas o viver com o

Periferia, v. 16, p. 1-17, 2024, e86475

outro, esse encontro com esse outro que não vai se tornar o mesmo. Então, quando você chama a atenção para isso, acho muito interessante essa perspectiva do projeto, porque penso que não é só um projeto para colocar as crianças em diálogo com patrimônios culturais, mas uma experiência de formação que retoma uma história de encontro, de diferença, de culturas que negociavam, e aí entendo também a negociação dessas culturas com as crianças, o que implica em outros objetivos para a proposta...

Elena Alfaya: Sim, essa é mesmo a ideia. A ideia de que esses objetivos sejam mais amplos do que pensar que só pode haver a ideia da cultura patrimônio. Tem outras dimensões. Quando fizemos este projeto, tínhamos uma doutoranda que observou em sua tese que na Universidade de Harvard estavam a fazer um projeto similar que se chamava Children are Citizens, que é uma ideia também estava presente em outras coisas importantes, a infância cidadã. Se pensamos que as crianças não podem participar, como dizíamos antes, não podem criar, não podem ter cultura, não podem argumentar... porque se esperamos a que eles sejam quando forem adolescentes, jovens ou adultos, e aí que vão participar, isso não funciona assim, não há um momento que se dá uma ativação de participação se previamente não se trabalhou, não se criaram essas condições que dissemos, de argumentação, de diálogo, de diálogo que supõe estar aberto a mudar de opinião, aprender do outro, que são coisas tão básicas e tão revolucionárias ao mesmo tempo, porque não são a cotidianidade. Estamos a dizer, e são muitos os autores que falam dessa cotidianidade, da importância de utilizar a própria cotidianidade para melhorar, para transformação. Porque se estamos a buscar, muitas vezes, uma uniformidade, nós vemos isso no currículo das escolas.

Rita Frangella: Eu trabalho com as questões curriculares na graduação e oriento pesquisas no mestrado e no que se voltam para a questão do currículo. Então, na graduação, estava discutindo a questão de outras possibilidades de organização e planejamento curricular e aí as convidei a pensar isso com olhos de criança. E...

Elena Alfaya: Outra coisa que é importante deste projeto é a inter-institucionalidade. Não sei como é no Brasil, mas na Europa em geral e na Espanha em particular, há esta ideia de que, de um lado, está a universidade, a Educação Superior, a formação inicial e, por de outro lado, estão as professoras e a formação das crianças. Então há momentos de união, por exemplo, quando são as práticas de ensino ou estágio, mas são muito pontuais, não há uma verdadeira horizontalidade, que é a base deste projeto, e mesmo essa horizontalidade de trabalho das professoras da Educação Infantil com as professoras universitárias de maneira conjunta. Muitas vezes, sucede que na universidade, estamos a trabalhar coisas que não tem nada a ver com o que está a passar nas aulas realmente, porque a nossa, também a nossa, suponho igual em Brasil, a nossa consideração, a nossa validação na universidade, na academia, não tem a que ver com fazer projetos, mas com fazer papers da revista . A ideia de que podem trabalhar professoras da Educação Infantil e professoras universitárias e que a labor das professoras da Educação Infantil é importante, o que passa na aula é importante, muitas vezes o único protagonista é quem escreve o artigo. Aqui o protagonista, o que pomos no centro é a criança.

Rita Frangella: Quando houve a apresentação do projeto durante o congresso observei essa relação universidade-escola e, no meu parecer, quando não é um projeto de intervenção da universidade na escola, um projeto que a universidade leva à escola, mas isso se dá a partir de uma outra concepção dessa relação de dois professores, ainda que em contextos diferentes, estabelece uma outra relação. E isso traz também uma outra perspectiva para a própria pesquisa com a infância, a própria ideia do local da Educação Infantil, enquanto um espaço de produção de conhecimento com a infância, sobre a infância, sobre a educação na infância.

Elena Alfaya: E isso que falávamos antes, das cem linguagens de Malaguzzi, a ideia de que muitas vezes somos nós que limitamos, dizendo que as crianças não podem escrever ou dizer o que querem fazer, o que querem fazer pesquisa,

o que querem conhecer na cidade. Trabalhamos muito com isto, por exemplo, temos um projeto importante sobre como as próprias crianças gostariam que fosse o seu docente. Muitas vezes nos perguntamos aos nossos alunos, perguntamo-nos, perguntamos à literatura científica, como é uma boa professora de educação de infância? Como é essa boa professora? Perguntemos às meninas, aos meninos, como é para eles um bom professor? Nós podemos fazer isso com o nosso alunado, fazemos um Google Form, fazemos e temos respostas de, mas não podemos fazer isso com as nossas crianças. O menino diz: vou desenhar a minha professora. Tu queres saber como é, que características são importantes, então, se eu digo, por exemplo, como seria eu se fosse professor[a]? Meninos[as] de 3 anos, de 4 anos, dizem, se eu fosse professor[a] brincaria muito, sairia da escola, daria abraços. E aí, com outras perguntas, não é que eles não sejam capazes de responder, é que nós não sabemos fazer as perguntas. Temos que nos aprofundar em como fazer essas perguntas, boas perguntas, perguntas mais complexas, não simplificadas. Porque a simplificação é perguntar, como é o professor ideal? Essa é a simplificação que fazemos com os alunos de 20 anos. Com 4 anos, temos que pensar, e tu que farias como professor? Às vezes, pensamos que a infância é simplicidade e a infância é complexidade. Mas não é fácil. Não é fácil para ninguém. Não é fácil a nível social, porque há um desprestígio da educação de infância. Não é fácil a nível acadêmico, como dizíamos, porque o que temos que fazer é mais papéis, não que cheguem a essas escolas que estão no nosso bairro, que têm mais dificuldades. Há meninos que se nós não fizermos um projeto como esse, não vão sair nunca da sua zona e conhecer outras culturas, e todos têm o direito, não só no papel, não só nos direitos da infância, da UNICEF, mas na realidade, têm o direito de conhecer a sua própria cultura, de conhecer outras culturas e que a riqueza está nessa diversidade. Eles podem enriquecer e podem enriquecer-se, mas é uma luta importante, porque não é fácil, não é imediato. E como todos os caminhos importantes, como todas as coisas importantes na vida, sempre dizemos isso, não há nada, que valha a pena que seja fácil. As

coisas importantes, as coisas que valem a pena são aquelas que exigem um esforço importante, um esforço profundo.

Rita Frangella: Quando você começou a falar que as crianças têm direito à cultura delas, a outras culturas, a pensar, vou te provocar, como é que você pensa o direito à diferença?

Elena Alfaya: É claro que têm o direito à diferença. Entender que a diferença não é contra, não é oposta. A diferença é uma coisa que... que dá valor, mas para isso tem que ser real. Muitas vezes, são palavras vazias, vejamos as diferenças como possibilidades e não como limitações. Eu creio que tem que estar muito atento também a essa parte de não fazer, não sei como é, demagogia, não? Estamos a viver uma realidade complexa. Por exemplo, aproveitando Córdoba. Porque temos a ideia de que são outras cidades que são importantes porque são capitais ou porque são... Córdoba foi uma cidade importante, sobretudo, um exemplo de convivência. E então, quando vamos a outra cultura, que não é só a hegemônica, damos conta de que essa diversidade é importante. Que o que dá riqueza é mesmo a diversidade. Que o que foi construído em Córdoba foi quando houve diversidade. O melhor de Córdoba, a Córdoba florescente, a Córdoba que foi capital do califado, a Córdoba que leva a ter quatro patrimônios da humanidade e será a única cidade do mundo que tenha quatro patrimônios da humanidade é o fato de ter diversidade, e essa é a riqueza que a Unesco pode dar por boa. A diversidade leva à complexidade, não é fácil. Não é imediato, não é sincero. Então, temos que nos esforçar. Depois, vale a pena. Podemos assegurar que vale a pena. Nós, como formadoras de futuras[os] professoras[es], temos que buscar que isso seja tangível. Que eles vejam que sim, é uma realidade. Não está no livro, não é uma frase bonita. Diversidade são possibilidades, é complexidade, é difícil, é um desafio, mas é o caminho melhor, que leva mais longe. É o caminho que contribui mais, que leva a um lugar justo. Mas não é o caminho que é mais plano, mais direto, não é? Então temos que mostrar esses cantos bonitos que tem o caminho, essas

pequenas flores, ou outros momentos para dar-se conta de que vale a pena fazer o esforço.

Rita Frangella: Trouxe essa questão da diferença ao debate porque no Brasil temos vivido um contexto de centralização na produção curricular, numa definição única e homogênea para um país como é o nosso, e não me refiro apenas a extensão territorial. Acho que nisso temos muitas semelhanças, pensar a Espanha com todas as suas diferenças, inclusive linguísticas. Tenho trabalhado muito problematizando essas questões de diferença, da elaboração de projetos curriculares singulares, singulares no sentido de considerar os contextos, as contingências. Não seria a mesma coisa se fosse Madrid com olhos de criança. São outros olhares possíveis. Isso foi uma questão que também me chamou atenção na sua fala, naquilo que você foi também colocando como ênfase: a possibilidade de decidir, a ideia da busca por outra palavra, que não seja o diálogo que produza uma uniformidade. E isso vivi também nos dias em Córdoba, uma cidade híbrida: se eu fosse definir Córdoba, como definiria? A riqueza de Córdoba é o califado, é a juderia, é a herança romana, é uma cidade híbrida. E essa é uma questão que eu tenho também discutido, a hibridiz, a possibilidade de pensar não numa cultura pura, originária, mas essa produção híbrida. E aí também pensando no hibridismo na escola, nos nossos projetos híbridos.

Elena Alfaya: Tomo as tuas palavras, vou colher para dizer e compartilhar com as minhas colegas. Porque, no final, é muito interessante isso que você compartilhou sobre o currículo. O currículo não é neutro. Às vezes dizemos, não, mas estamos assim, disposto a um currículo local, não sei, às vezes, quando falamos com essas palavras, nós utilizamos muito o termo inclusivo. Uma educação que não é inclusiva, então não é educação. Colocamos adjetivos, as palavras sem sentido, mas estamos na educação, às vezes, já sobrepassados. Claro, a educação toda é inclusiva, ou senão não é educação, é outra maneira de entender, mas educação com capital letters é algo que tem que ser inclusivo, obviamente. Mas não há um currículo neutro e depois há outros

currículos. O currículo nunca é neutro, autoras importantes que têm falado disso com muita autoridade. Temos outro projeto chamado Infância das meninas na ciência, nas ciências naturais, e ainda hoje há muitas famílias que dizem: “ah, mas assim, está a fazer uma jornada onde trabalham as cientistas.” Por que não os cientistas? Porque o resto do ano estão trabalhando os cientistas, porque nos livros de texto, que são um bom exemplo do currículo, nos programas oficiais, os cientistas homens estão presentes, as pessoas na ciência que são homens, estão presentes sempre. Então, eu acho que não trabalhar certas coisas é o mesmo que naturalizar certas questões, é um erro importante que às vezes cometemos, que as nossas alunas, muitas vezes, pensam que sempre se fez assim. O problema da infância não é um problema da Espanha ou não é um problema da Ucrânia, é um problema geral. Essa ideia de que, bom, há muitas infâncias, não uma infância, são muitas infâncias, que não estão a ser escutadas, respeitadas, não têm as possibilidades iniciais, depois, mas não têm nenhuma igualdade de oportunidades, e isso tem a ver com o currículo que decidimos utilizar ou mudar.

Rita Frangella: Elena, eu vou retomar a questão do diálogo universidade-escola, porque você falou de uma questão de horizontalidade entre a Universidade e as professoras que estão na Escola da Educação Infantil. E agora você falou de outros projetos, do Infância, que também foi apresentado no Congresso. Como é que você vê esses projetos, essa parceria entre a professora da universidade e a professora na escola de educação infantil, os efeitos na formação inicial? Como é que esses projetos participam desse processo de formação?

Elena Alfaya: É uma das questões mais importantes para refletir. Ainda que não seja o mais valorado na academia, como dissemos antes, o importante é o exemplo, nós podemos dizer e podemos citar autorias, somos especialistas em citar e referir, mas na realidade isso funciona como um trabalho conjunto, e esse trabalho conjunto eles veem, eles notam. Essa valoração, há muitos detalhes que são importantes: nós vamos às escolas, nós estamos nas aulas de

educação de infância, as[os] professoras[es] vêm à universidade. Um momento fundamental, a base de tudo isso, como eu te disse antes, nas nossas práticas quando elas[es] estão nas aulas, uma tarde por semana, elas[es] vêm à universidade com as[os] professoras[es] da Educação Infantil para refletir conjuntamente, o que nós chamamos de tutora profissional, além da tutora acadêmica.

Então, sempre dizemos a mesma frase: quando um[uma] aluno[a] de práticas da nossa graduação chega e diz “ ah, estive dois meses de práticas, foi tudo muito bom, e eu percebi que o importante é que a teoria não serve para nada, o importante é fazer práticas”, então, essas práticas foram horríveis, porque isso não é o que tu deves perceber. Tu tens que entender que a prática é importante e você é percebido, porque você está como uma[um] professora[professor], que assim também percebe que a teoria faz sentido na prática, e que a prática é o que faz sentido à teoria, e que há essa reciprocidade entre teoria e prática. Se percebes isso, então estás a perceber também a nossa relação, e não é sempre fácil, como dizíamos, porque há problemas de gestão, problemas políticos, e depois, finalmente, em uma questão pessoal. Tem que haver uma relação que vá além do profissional. Nós, com as professoras temos momentos de união mais além do profissional, eu acho que é uma parte importante e, finalmente, é uma questão de valorização. São contextos que não são valoradas por igual - eu estou na universidade, ou eu sou a que de verdade está com os meninos e sabe porque está na escola. Se essa é a ideia de confrontação, de ver quem é mais autêntico, quem é mais profissional, quem é mais e não quem pode contribuir desde o seu campo, diverso, diferente... Nós nos enriquecemos quando as alunas veem essa relação na aula, onde há um verdadeiro diálogo sobre tudo isso, como diziam as práticas, onde a professora diz “eu estou fazendo assim”, e tu podes dizer: “ah, eu creio que talvez podia contribuir com isto também”, com respeito, confrontando e compartilhando esses momentos, é uma diversidade que enriquece, não que está em competição ou em confrontação, mas que está em diálogo.

Rita Frangella: Elena, agradeço muito a possibilidade dessa conversa, da sua contribuição para pensar as questões postas em debate nesse dossiê penso ser muito potente, com certeza você traz isso para a nossa conversa.

Elena Alfaya: Com certeza vou aproveitar muito e ler também, sobretudo as outras contribuições e editoriais, porque é um tema mesmo interessante, como diríamos, o começo continuar a conversa.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Manoel de. O livro das ignorças. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1993

MALAGUZZI, Loris. As Cem Linguagens da Criança. Porto. Alegre: Artes Médicas, 1997.

TONUCCI, Fancesco. Com olhos de criança. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2003.

Algumas obras de Maria Elena Gonzalez Alfaya:

ALFAYA, Maria Elena et all. Educación infantil y calidad docente: Revisión de la literatura especializada. Human Review: International Humanities Review / Revista Internacional de Humanidades, ISSN-e 2695-9623, Vol. 13, N°. 2, 2022

ALFAYA, Maria Elena et all. Mapa de experiencias educativas córdoba con ojos de infancia adaptado y accesible. Un recurso para la inclusión Revista de Educación Inclusiva, ISSN-e 1889-4208, Vol. 15, N°. 1, 2022, págs. 183-201

ALFAYA, Maria Elena et all [El prácticum RIECU a evaluación. De la innovación a la investigación educativa como herramienta para transformar la práctica. Investigación en la escuela](#), ISSN-e 2443-9991, ISSN 0213-7771, N° 105, 2021, págs. 11-23

ALFAYA, Maria Elena et all [Infa-Ciencia](#): de las niñas de hoy a las científicas de mañana [Cuadernos de pedagogía](#), ISSN-e 2386-6322, ISSN 0210-0630, N° 505, 2020 págs. 30-35

Recebido em: 11/08/2024

Aceito em: 29/08/2024

Publicado em: 30/08/2024